

Familiares, amigos e artistas dão adeus a Nardin

MARCELA BENVEGNI

marcela@jppjournal.com.br

O Salão Nobre da Câmara de Vereadores, onde foi velado o corpo do pintor, escultor, músico e restaurador Eugênio Nardin, 88, ontem, ficou pequeno para as despedidas de familiares, amigos, e artistas. Seu Neno, como era ca-

rinhosamente chamado, morreu anteontem, às 17h30 no Hospital dos Fornecedoros de Cana, de falência de órgãos, e seu corpo foi enterrado ontem, no Cemitério Parque da Ressurreição. As cerimônias fo-

ram marcadas pelo silêncio, e era nessa atmosfera em que ele trabalhava. “Gosto de trabalhar tranquilo, sem barulho, sem muita gente”, disse em voz pausada a reportagem do **Jornal de Piracicaba** certa vez.

Suas marcas não estão eternizadas somente nos entalhes em madeira ou pinturas. Seu Neno deixou marcas maiores.

“É uma perda grande e foram momentos mais do que felizes. Um dia quem sabe escrevo alguns deles”, disse o artista plástico Eduardo Borges Araújo, que vivenciou – e registrou em suas obras – durante mais de dez anos o trabalho de Nardin. Discípulo de Frei Paulo Maria de Sorocaba, Nardin foi um artista multifacetado. “Es-

tudamos violino juntos com o Adanubi Fioravante. Era uma grande pessoa, um artista sem igual. Fazia de tudo”, disse o vice-presidente da Associação Cultural Artística, Hélio Manfrinato. Nardin che-

gou até a integrar o corpo de instrumentistas da Orquestra Sinfônica e de Amadores de Piracicaba, mas não seguiu carreira.

Antonio Roque Dechen, diretor da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) e membro do Conselho Editorial do **JP** afirmou que a cidade perdeu um gran-

*Nardin
foi um dos
criadores do
Salão de
Belas Artes*



Marcelo Germano/JP

Amigos e familiares seguiram cortejo da Câmara ao cemitério

de artista. “É uma perda enorme. O conhecia como amigo. Ia muito a sua oficina e sua simplicidade o fez um ser humano único”, disse Dechen. “Nardin era uma pessoa muito inteligente. Era um artista feliz. Tinha um poder de análise que poucos tinham e, sobretudo, fazia um trabalho de qualidade. Perdemos muito com a sua partida”, completou João Basílio, que foi prefeito de Piracicaba nos anos 50.

COLORIDO – Um artista completo como Nardin, que

chegou a integrar a comissão organizadora do primeiro Salão de Belas Artes de Piracicaba, em 1953, ao lado de artistas como Archimedes Dutra (1908-1983) e Eugênio Luiz Losso (1898-1974), não poderia partir em preto-e-branco. No enterro, o silêncio imperou e uma das mais poéticas homenagens ficou por conta do colorido das flores que foram depositadas no jazigo antes do sepultamento pelos familiares. Entre rosas, gérberas e flores do campo, o mestre do entalhe se eterniza na memória.